

DESIGUALDADE SOCIAL E VIOLÊNCIA NA LITERATURA NEGRA BRASILEIRA:

uma análise da infância perdida em contos de Conceição Evaristo

Social inequality and violence in brazilian black literature: an analysis
of childhood lost in tales os Conceição Evaristo

Desigualdad social y violencia en la literatura negra brasileña: un
análisis de la infancia perdida en cuentos de Conceição Evaristo

Claudia Letícia Gonçalves Moraes

Doutoranda em Literatura (UNB)

Professora Assistente da Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos (UFMA -
Campus São Bernardo)

claudiamoraes27@gmail.com

Fernanda Ferreira Souza

Graduanda da Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos (UFMA - Campus São
Bernardo)

fernandaferreira369@outlook.com

Resumo

O presente artigo empreende uma análise da literatura da autora Conceição Evaristo, compreendendo-a como uma voz que denuncia, por meio da representação literária, questões como a violência doméstica, as dificuldades de quem habita as grandes favelas brasileiras. A autora, utilizando-se de uma voz poética muito perspicaz, representa em sua literatura vidas aguerridas que lutam não só por sua sobrevivência diária, mas também por sua dignidade, seus afetos e sua subjetividade. Serão aqui analisados os contos “Duzu-Querença” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, ambos focados em narrar a história de crianças que, além de darem título aos contos com seus nomes, foram também despojadas de sua infância por questões que envolvem seu meio e sua classe social. Serão utilizados como referencial teórico autores como a própria Evaristo (1996, 2007), Maria de Nazareth Soares Fonseca (2011) e Mário Augusto Medeiros da Silva (2011).

Palavras chaves: Literatura. Afro-brasilidade. Infância

Abstract

This article undertakes an analysis of the literature of the author Conceição Evaristo, understanding her as a voice that denounces, through the literary representation, issues such as domestic violence, the difficulties of those who inhabit the great Brazilian favelas. The author, using a very perceptive poetic voice, represents in her literature fierce lives struggling not only for her daily survival, but also for her dignity, her affections and her subjectivity. The stories "Duzu-Querença" and "Zaíta forgot to store the toys", both focused on telling the story of children who, in addition to naming the stories with their names, were also stripped of their childhood by issues involving their and their social class. The

authors will use as reference the authors Evaristo (1996, 2007), Maria de Nazareth Soares Fonseca (2011) and Mário Augusto Medeiros da Silva (2011).

Keywords: Literature. Afro-Brazilian. Childhood.

Resumen

El presente artículo emprende un análisis de la literatura de la autora Conceição Evaristo, comprendiéndola como una voz que denuncia, por medio de la representación literaria, cuestiones como la violencia doméstica, las dificultades de quien habita las grandes favelas brasileñas. La autora, utilizando una voz poética muy perspicaz, representa en su literatura vidas aguerridas que luchan no sólo por su supervivencia diaria, sino también por su dignidad, sus afectos y su subjetividad. En el caso de los niños, los niños y las niñas que, además de dar título a los cuentos con sus nombres, también fueron despojados de su infancia por cuestiones que involucran a su hijo medio y su clase social. Se utilizará como referencial teórico autores como la propia Evaristo (1996, 2007), María de Nazareth Soares Fonseca (2011) y Mário Augusto Medeiros da Silva (2011).

Palabras clave: Literatura. Africano-brasilidad. La infancia.

Introdução

A autora Conceição Evaristo, que atualmente goza de grande prestígio no campo literário, possui uma extensa obra literária que põe em visibilidade questões relacionadas à afro-brasilidade e suas implicações na sociedade brasileira: interseccionalidade de gênero, raça e classe, violência urbana e doméstica, experiências de vida e de ancestralidade. Tendo começado a atuar nos anos 1980, a autora participa de atividades do Grupo Quilombhoje e da publicação, em São Paulo, da série *Cadernos Negros*, sendo ativa nos trabalhos pela valorização da cultura negra, transitando de maneira bastante versátil por diversos gêneros: desde o conto até romances, poesia e ensaios, além de textos teóricos que nos servem para embasar conceitualmente, por meio da crítica literária, a leitura de sua obra poética.

Considerando que a partir dos anos 1980 houve uma maior efervescência dos movimentos pela igualdade racial, com mobilizações nas principais capitais brasileiras, entende-se que estas manifestações também se apresentam no âmbito das artes em geral e da literatura de maneira particular, trazendo temas que proporcionam novas formas de reescrever uma história nunca antes contada por seus próprios protagonistas, trazendo para seus textos não só a história, mas um posicionamento acima de tudo político que atende a demandas específicas e que confronta a falta de representatividade negra tão marcante na literatura brasileira como um todo.

Assim, Conceição Evaristo se apresenta como uma voz que denuncia, por meio da representação literária, questões como a violência doméstica, as dificuldades de quem habita

as grandes favelas brasileiras com seu complexo de precariedades e riscos constantes à vida, mas ao mesmo tempo como uma voz poética que representa em sua literatura vidas aguerridas e que lutam não só por sua sobrevivência diária, mas também por sua dignidade, seus afetos e sua subjetividade constantemente espoliada.

Optou-se, nesta pesquisa, pela análise de dois contos da obra **Olhos D'água** (2016), vencedora do prêmio Jabuti nessa categoria em 2015, que é composta ao todo de quinze contos que trazem sempre a marca identitária feminina atravessada também por questões de raça e classe, apontando para uma problemática interseccional na escrita da autora – mesmo havendo em alguns contos protagonistas masculinos observa-se uma ênfase nas personagens femininas.

Serão aqui analisados os contos “Duzu-Querença” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”. Ambos narram a história de crianças que, além de darem título aos contos com seus nomes, foram também despojadas de sua infância por questões que envolvem seu meio e sua classe social. Assim, por meio de uma intensa densidade literária, Conceição Evaristo representa uma realidade permeada de violências e degradações diversas que se mostram de forma lírica, com uma visão de mundo que ao mesmo tempo em que se coloca como realista também é capaz de fazer uma crítica contundente dos nossos dias.

CONCEIÇÃO EVARISTO E A LITERATURA NEGRA-BRASILEIRA: Novas Formas de Narrar a Nação

Historicamente pensando o trabalho de movimentos sociais, como o movimento negro brasileiro, temos como uma de suas principais agendas a reivindicação de direitos para a população negra que sofre cotidianamente com o racismo na sociedade. É interessante notar, portanto, a influência de sua atuação de forma mais acentuada a partir da década de 1980 até os dias atuais, observando eventos cruciais para o país tais como a volta da democracia e a discussão de uma nova Constituição.

Na esteira desses acontecimentos históricos é também nos anos 1980 que a autora Conceição Evaristo, estudante da área de Letras e já atuando no magistério, começa a atuar também no Grupo Quilombhoje e na série *Cadernos Negros*¹. Trata-se de um momento

¹ O Quilombhoje é um coletivo de escritores negros paulistanos, sendo responsável pela série *Cadernos Negros* (1978) e tendo como um de seus líderes o escritor Cuti, que aborda, em seu escopo teórico, o conceito de Literatura Negra, trazendo uma relação direta com a história das associações negras brasileiras. Esta é uma

histórico de efervescência dos movimentos pela igualdade racial, cujos ecos se fazem ouvir nas principais capitais brasileiras. Nessa conjuntura a escrita literária é compreendida como um processo em que a experiência dos negros e dos afro-descendentes é considerada fundamental para se constituir formas próprias de produção da arte e da literatura em toda sua riqueza estética e com imbricações ideológicas. A atuação dos escritores do Quilombhoje, de São Paulo, se estende para outros grupos no país, em cidades como Salvador, Rio de Janeiro, Porto Alegre e outras capitais.

Dessa maneira, podemos compreender o trabalho do coletivo como uma demonstração do que Maria de Nazareth Soares Fonseca denomina de: “[...] forte compromisso com a conscientização, embora não despreze o cuidado com o trabalho no nível da linguagem” (FONSECA, 2011, p. 267). A produção publicada pelos Cadernos Negros tinha, portanto, não só forte conteúdo político, mas também uma relevante qualidade estética, marcando a intenção do grupo de dar à literatura produzida por eles um sentido mais amplo, para além da ideologia do grupo. É neste contexto que a produção extensa dos Cadernos Negros é posta em evidência, demonstrando a força de sua criatividade e suas demandas sociais como fundamentais para aquele momento de preocupações com temas como a representatividade. Para Mário Augusto Medeiros da Silva, em trabalho intitulado **A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)**, o trabalho dos Cadernos Negros passa por uma ênfase na questão da representatividade:

Quer sejam nas antologias ou nas primeiras edições de encontros sobre Literatura Negra – para não falar em prefácios e introduções da série Cadernos Negros, objeto posterior de análise – a recuperação da marginalidade produtiva, distributiva e de consumo histórica da confecção cultural dos grupos está posta em questão. E será nestes termos, assombrados pelo espectro próximo do centenário da Abolição, que críticos, sociólogos, poetas e ficcionistas negros o enfrentarão. (SILVA, 2013, p. 54)

Assim, é na esteira desse cenário que o grupo produz, problematizando a abolição e o legado deixado pela escravidão na sociedade contemporânea. Como uma das principais escritoras do coletivo, Conceição Evaristo tem como uma de suas preocupações apontar como sua vivência, convertida literariamente em poesias, romances e contos, demarca também um lugar de direito que deve ser ocupado pelas mulheres negras que estão produzindo arte e literatura posicionadas como “minorias” e, portanto, sem expressiva representatividade. A

discussão ainda acesa, por não considerar o termo consensual – pois fala-se também em Literatura Afro-Brasileira e Literatura Negra-Brasileira (SILVA, 2011).

escritora nos permite refletir, em sua produção que passa tanto pela literatura quanto pela crítica literária, sobre os discursos produzidos e legitimados sob uma lógica que insiste na manutenção das diferentes formas de opressão social, o que fica evidente em sua escrita.

Assim, em uma sociedade como a brasileira, estruturada pelo racismo, a luta pela conquista de espaços e direitos é uma constante, e passa também pelo campo simbólico das artes – este talvez o maior campo de disputa nas demandas em questão. Segundo a própria Conceição Evaristo em texto denominado “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade” (2009, p. 17):

Há muito, um grupo representativo de escritores(as) afro-brasileiros(as), assim como algumas vozes críticas acadêmicas, vêm afirmando a existência de um *corpus* literário específico na Literatura Brasileira. Esse *corpus* se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira.

Essa produção que traz como característica preponderante uma “marca de subjetividade construída” que é representativa dos corpos e experiências negras é fundamental para a afirmação de uma parcela numerosa da população que foi por séculos espoliada das condições mínimas de existência, pondo em relevo a tessitura complexa de um país que tem a sua constituição calcada na instituição da escravidão² e sofre ainda hoje com essa herança complexa e de profundas marcas sociais.

Nesse contexto a literatura de Conceição Evaristo é notória tanto por seu registro estético-literário quanto por suas marcas profundamente mergulhadas nos problemas sociais de grande parte da população negra do país, num projeto literário que empreende uma ficção-verdade que perpassa todos os gêneros produzidos pela autora. Ainda citando a autora no mesmo artigo (2009, p. 27): “Afirmando um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas”.

Em **Olhos D’água** (2016), Conceição Evaristo coloca seu foco na população afro-brasileira, tendo como temas recorrentes em seus contos a pobreza e a violência urbana. A

² Segundo dados oficiais (onu.org.br) o Brasil foi o último país do Ocidente a abolir a escravidão, tendo sido também o país ocidental que mais importou escravos. Após a assinatura da Lei Áurea, sem nenhuma orientação ou política específica para integrar os negros às regras de uma sociedade que estava se adequando ao trabalho assalariado, logo essa parcela da população ficou condenada a uma realidade socioeconômica que perpetuou a escravidão com uma roupagem diferente: a desigualdade social. Fatos como estes contribuíram de forma definitiva para a conformação da sociedade brasileira em sua heterogeneidade e complexidade.

autora, portanto, ficcionaliza cenas do cotidiano, dando ênfase especial nas personagens femininas – os homens também aparecem nas narrativas, mas o protagonismo das vivências nas favelas, da dureza da vida em forma precária, recai principalmente nas mulheres de Evaristo. São histórias que demonstram as dificuldades, os preconceitos, os obstáculos e as perdas que essas personagens sofreram. Ainda citando Evaristo em seu trabalho de crítica literária, no ensaio denominado “Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira” (s/d, p. 52):

[...] a literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial.

Observa-se que a autora trabalha criticamente a partir de uma historiografia que demonstra, desde o período colonial, os processos de apagamento e de invisibilidade pelos quais os negros passaram na literatura numa dupla chave: desde autores até personagens negros eram raros, e em relação a estas últimas eram também estereotipadas – sobretudo as mulheres negras. A importância de coletivos como o Quilombhoje está no fato de demonstrar que foi exatamente nas últimas décadas do século XX e a partir do ano 2000 que se ampliou o interesse e a visibilidade da literatura produzida por afrodescendentes. Paralelamente a isto houve também um crescendo das novas formas de crítica literária produzidas para análise desta literatura, embasada no fortalecimento do Movimento Negro. É na compreensão destes acontecimentos que se aquilata a importância de críticas literárias com ênfase em autoras representativas de uma parcela sempre tão negligenciada pela sociedade.

ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS: A Condição Precária de Vidas Habitantes das Favelas

O livro de contos **Olhos d'água** (2016) de Conceição Evaristo traz em seu corpus a representação de realidades frequentes quando se fala da vida e das experiências dos afro-brasileiros, realidades essas baseadas na exclusão que os mesmos sofrem em nossa sociedade, sendo vítimas de racismo e preconceitos frequentes. Conceição Evaristo traz para as páginas de sua ficção o que os afro-brasileiros experienciam todos os dias nas grandes cidades,

metrópoles e nos morros, enfatizando a falta de oportunidade de emprego, os trabalhos de segunda classe que executam sem direitos e sem garantias para receber pelo menos algo que possa contribuir com suas necessidades, necessidades essas que muitas vezes não são supridas. Temos, portanto, na literatura da autora, uma ênfase das características do duro cotidiano desta representativa parcela da população: a rotina de violência, privações impossibilitadas de viverem uma vida com paz.

Em “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos” lança-se o olhar para um quase-drama do dia-a-dia árduo das favelas brasileiras, em que crianças são vítimas de balas perdidas. A ficção da autora bebe da fonte do real, ao mesmo tempo refletindo-o e ressignificando seus dilemas na forma sintética e viva do microcosmo do conto. Na narrativa Conceição Evaristo traz essa realidade, sendo este conto baseado na história de Zaíta, uma menina que morava em uma favela, cercada pela pobreza e principalmente pela violência. Zaíta tinha uma irmã gêmea que se chamava Naíta, eram gêmeas idênticas, com diferenças percebidas pela maneira como falavam. Ambas moravam com a mãe Benícia, uma mulher de trinta e quatro anos que tinha mais dois filhos, frutos de um relacionamento que a mesma tivera muito antes de conhecer o pai das gêmeas.

O primeiro estava no exército, procurava seguir uma carreira, o segundo também, porém procurando uma carreira mais “fácil”, tinha como objetivo conseguir muito dinheiro, mas procurava outros meios de consegui-lo. Tinha o propósito de ajudar a mãe, mas Benícia sabia como o filho conseguia aquele dinheiro e não aceitava, mesmo que estivesse precisando, pois o pouco que ganhava não dava para manter a família. Na narrativa do conto observa-se a incerteza quanto as possibilidades de futuro para ambos os rapazes. Dentro do contexto da favela, permeado por violência e baixa escolaridade – e também considerando a questão racial – os jovens negros se tornam alvos preferenciais das possíveis brutalidades vividas naquele ambiente. Outro dado interessante está em compreender que os irmãos, filhos de mesma mãe e criados juntos, optaram por estilos de vida completamente opostos: enquanto um se tornara soldado efetivo do exército o outro trabalhava desde criança como aviãozinho do tráfico, tendo se tornado afinal um “soldado do morro”.

Zaíta é uma garotinha muito apegada aos seus brinquedos, e certo dia ao acordar e não ver a figurinha-flor sai à procura de sua irmã na esperança de encontrá-la, vai a todos os barracos vizinhos, mas não a encontra e sai a sua procura sem preocupar-se com a distância que estava de casa e com a bronca que levaria da mãe por ter saído sem permissão e por ter

deixado todos os brinquedos jogados na casa, a mãe tinha como recomendação que as duas meninas guardassem todos os brinquedos ao terminarem de brincar.

Zaíta já não estava preocupada com isso, ela só queria encontrar aquela figurinha que tinha na imagem uma garota carregando flores, uma figurinha que parecia exalar perfume. A garota já bem longe de sua casa encontra-se no meio de um tiroteio entre o grupo liderado por seu irmão e a polícia, infelizmente Zaíta é alvejada no tiroteio e morre, sendo encontrada pela irmã que estava a sua procura, já muito triste por ter perdido sua figurinha e por saber da surra que as duas levariam quando chegassem em casa. Naíta ao ver todo aquele tumulto e com a inocência de uma criança que não estava entendendo aquela situação, diz a irmã: “Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!” (2016. p. 76)

Ao deparar-se com a história de Zaíta é nítido o quão isso é frequente na vida de muitas pessoas que trabalham muito e ganham pouco, que precisam conviver com a grande violência das favelas e morros. A história retrata pessoas pobres, negras, sem a oportunidade de uma vida melhor, como afirma Paim e Umbach (2017, p. 179): “Evaristo traz à tona, na obra supracitada, o realismo do cotidiano”, ou seja, como já foi bem ressaltado aqui, Evaristo escreve a realidade, mas escreve de maneira sutil, de uma forma literária capaz de fazer com que o leitor enxergue o que muitas famílias brasileiras passam todos os dias.

Essa realidade dentro do conto torna-se forte quando Evaristo retrata a seguinte situação: “[...] Teve a impressão de ter perdido algum dinheiro no supermercado. Impossível, levava a metade do salário e não conseguira comprar quase nada. Estava cansada, mas tinha de aumentar o ganho. Ia arranjar trabalho para os finais de semana.” (EVARISTO, 2016, pp. 74-75). Ao colocar isso, Evaristo destaca o que se passa todos os dias na vida de muitas famílias, que sofrem com essa desigualdade e buscam maneiras de ter uma vida razoável em meio à barbárie de violência e precariedades do cotidiano nas favelas, porém muitas vezes não conseguem.

Todos os dias é visto que muitas famílias sofrem com essa violência vivida nos grandes morros, muitas pessoas morrem vítimas de bala perdida como foi o caso da menina Zaíta que teve a infância, a sua vida, tiradas por essa violência, a cena torna-se bem marcante quando Conceição Evaristo descreve como aconteceu a morte de Zaíta “[...] em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí a um minuto, tudo acabou.” (EVARISTO, 2016, p. 76). Conceição Evaristo consegue descrever de maneira clara

a dor que tais pessoas passam, por serem vítimas dessa desigualdade social, da violência que já tornou-se rotina na vida das mesmas. Para Denise Almeida Silva e Andrielli Santos da Rocha em artigo intitulado “A infância roubada em contos de Conceição Evaristo” (2015, p. 230):

Em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” o leitor reflete, também, a respeito da infância roubada, pois Zaíta, apesar de ser criança, enfrenta cotidianamente a violência da favela, a briga de gangues rivais (uma das quais é integrada por um de seus meio irmãos), e a raiva, cansaço, queixas frequentes da mãe, que, esgotada pelo trabalho e estressada pela permanente miséria, facilmente se irrita ante as travessuras das filhas [...] Além disso, a personagem Zaíta já está mais vulnerável à violência, no sentido criminal, por ser moradora de área onde são frequentes as brigas entre gangues rivais, entre as quais a liderada por seu irmão mais novo.

É perceptível em seus contos, personagens masculinos, porém, Conceição dá uma ênfase maior nas mulheres, retratando a violência e opressão que estas sofrem todos os dias. Como é o caso do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, onde Evaristo dá voz as mulheres retratadas neste conto, que são Benícia, Zaíta e Naíta, percebe-se que mesmo tendo a presença de personagens masculinos, não é dado nomes aos mesmos, sendo identificados como “primeiro filho” e “segundo filho”. Essa marcação que de certa maneira apaga as identidades masculinas serve como realce para dar protagonismo a mulheres e meninas que (sobre)vivem arduamente e lutam pela sua existência e subjetividade em contextos muito áridos. Não por acaso o conto enfatiza uma criança que parte em busca de seu brinquedo (representado por uma figurinha) e paga com sua vida por isso: em Conceição Evaristo lutar pela sobrevivência por vezes apresenta-se como lutar também pela possibilidade de fabular, de brincar ou de sonhar, mesmo que isso cobre um preço muito caro.

Neste íterim observa-se que Evaristo não está fazendo uma exclusão de gênero, mas sim dando voz a muitas mulheres que por muito tempo foram esquecidas. Ao colocar Benícia e suas filhas como personagens centrais ela traz novamente a realidade que muitas mulheres enfrentam, ao trazer Benícia uma mãe solteira que tem que trabalhar arduamente para conseguir criar suas filhas pequenas e ajudar seus filhos maiores. Segundo a descrição da autora: Zaíta olhou os brinquedos largados no chão e se lembrou da recomendação da mãe. Ela ficava brava quando isso acontecia. Batia nas meninas, reclamava do barraco pequeno, da vida pobre, dos filhos, principalmente do segundo. (EVARISTO, p. 72)

Já no caso de Zaíta e Naíta, a autora mostra o medo com o qual as crianças que habitam as grandes favelas precisam conviver todos os dias. E então apresenta a morte de Zaíta como forma de trazer à tona todas as mortes que acontecem frequentemente por conta de balas perdidas em confrontos infundáveis entre policiais e traficantes, expondo de que modo vítimas inocentes perecem nesse contexto de vulnerabilidade e risco social sempre presente.

Subrepticiamente fica evidente neste momento que essa violência cotidiana traz em seu bojo aquilo que o filósofo camaronês Achile Mbembe (2016) expõe em seu texto “Necropolítica”, em que discute, a partir do conceito foucaultiano de “biopolítica”, quais são as “vidas vivíveis” e as “vidas matáveis” em sociedade que estão mais aproximadas do estado de exceção que do estado de direito (2018). Segundo Silva e Rosa (2015):

Conceição tem sua escrita voltada para a classe silenciada e marginalizada. Suas personagens são protagonistas de histórias tristes e reflexivas, que alertam a sociedade, através da arte literária, para o fato de que também os marginalizados têm voz, dentro e fora das narrativas, mas esta nem sempre é ouvida. Daí a necessidade de fazê-la visível e audível através da arte. Nesse sentido, a autora aborda o drama das crianças como uma forma de denúncia. (2015, p.233)

As autoras abordam aqui a ideia de que Conceição Evaristo traz denúncias a respeito do que sofre essa classe marginalizada, essa classe, conforme já foi ressaltado, composta por pobres e negros, que vivem em favelas das grandes cidades. A autora problematiza, por meio de sua escrita, histórias baseadas na vida real, tentando destacar essa realidade que por meio da ficção é arrancada do silenciamento, dando voz para essas pessoas.

Ainda tomando a ideia das autoras citadas, as mesmas ressaltam a questão de que ao retratar histórias de crianças em seu livro como é o caso do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, Conceição Evaristo busca lembranças em sua memória do que vivera em sua infância, onde também era moradora de uma favela.

A parte final do conto se dá num crescendo de acontecimentos que culminam no clímax, quando Zaíta é baleada em meio ao tiroteio. A cena vai ganhando densidade a partir do momento que Benícia encontra a bagunça dos brinquedos na sala e irritada bate na outra gêmea. Nesse momento em que Naíta se precipita a procurar a irmã, que se adiantara a buscar a figurinha mesmo com a recomendação dos adultos de não brincar longe de casa, pois era bastante arriscado, conforme coloca a autora:

O barulho seco das balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida (p. 76)

A imagem final do conto contém uma dose de ironia, ao se ater à figura da irmã Naíta que, contemplando o corpo morto de Zaíta no chão, ainda assim não consegue compreender a gravidade do momento e grita para a irmã: “Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos”. Essa finalização que está posta para mostrar como a inocência resiste ao trágico é uma das muitas formas que a autora tem de simbolizar por meio da literatura esse cotidiano de tantos revezes que é vivido nas favelas brasileiras.

SEXUALIDADE PRECOCE E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA EM DUZU-QUERENÇA

“Duzu-Querença” é outro conto do livro **Olhos d’água** que também retrata a realidade da vida difícil de muitas pessoas que vivem nas favelas e morros das grandes cidades, tendo como consequência a infância perdida por circunstância dessa triste realidade. O conto inicia com uma cena onde Duzu, a protagonista do conto, aparece nas escadarias de uma igreja, já velha e vivendo nas ruas como uma mendiga, aproveitando os últimos caroços de arroz que restaram debaixo de suas unhas sujas, insistiu em encontrar comida ainda dentro da lata gordurosa que encontrara, mas não havia mais nada, levando várias vezes a mão a sua boca no faz de conta prazeroso de que estava se alimentando. Com fortes dores na perna por conta da idade, pensou logo que se um dia as pernas falhassem teria que aprender a voar.

Em seguida, Evaristo volta ao passado de Duzu, ao contar como aquela velha senhora chegara à cidade. Duzu ainda bem pequena veio com a família morar na cidade, viajou dias e dias em um trem que parecia que nunca iria chegar ao seu destino, o pai de Duzu vinha com a esperança de conseguir um emprego melhor e de dar uma vida mais segura em todos os sentidos à filha.

O pai de Duzu sabia que na cidade havia senhoras que poderiam empregar sua filha, e que a menina poderia trabalhar e estudar, e foi dessa maneira que aconteceu, porém, em partes: Duzu começou a trabalhar para uma dessas senhoras, mas nunca frequentou a escola. Seu ambiente de trabalho era um lugar cheio de quartos e moças bonitas, a menina teria que limpar e arrumar tudo. Tinha como recomendação bater na porta antes que entrasse nos quartos. Mas um dia Duzu esquecera essa recomendação e foi entrando, deparou-se com a moça do quarto dormindo e um homem em cima dela. A menina estranhou mas achou bonito

e foi saindo do quarto sem que eles percebessem. Resolveu então que não bateria todas as vezes que entrasse no quarto.

E foi nesse entrar-entrando sem bater que Duzu deparou-se diversas vezes com aquelas moças bonitas dormindo com homens, gostava de ver aquelas cenas. Duzu as vezes era repreendida e saía do quarto, mas em outras era bem aceita e convidada a entrar. Houve um quarto em que o homem fazia carinho na menina e era repreendido pela moça “Não estava vendo que ela era apenas uma menina?” (2016.p. 33) E nisso o homem levantou e presenteou Duzu com uma nota de dinheiro. A menina, na esperança de ganhar mais dinheiro voltara ali no outro dia, mas para sua decepção não encontrou o mesmo homem, até que um dia entrando de supetão, ali estava o homem que havia lhe dado dinheiro, naquele dia Duzu ganhou mais dinheiro.

A menina sempre voltava e em um certo dia, lá estava o homem sozinho deitado na cama, o mesmo pegou a menina e jogou-a na cama junto a ele, a garota ainda com sua inocência, não sabia o que ali estava acontecendo, “Duzu não sabia o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar” (2016, p.33) Duzu sempre ganhava dinheiro e com isso passou a sempre voltar naquele quarto quando a moça não estava.

Nessas idas ao quarto um dia foi encontrada por D. Esmeraldina, a senhora que havia prometido ao pai um bom emprego a filha, e que a mesma iria estudar. A senhora a repreendeu e avisou que se ela quisesse deitar com homem embaixo de seu teto teria que lhe dar todo o seu dinheiro. Só naquele momento que Duzu entendeu de que lugar se tratava, o porquê de nunca mais ter visto seus pais, de viver presa naquele lugar e o porquê de ter ganho dinheiro: Duzu estava em um bordel e se vira obrigada a ficar lá ainda por muito tempo.

Aqui é notado que Conceição enfatizou sobre as poucas oportunidades que pessoas negras, pobres, afrodescendentes tem, o caso da menina Duzu que se viu obrigada a sair de sua terra natal com a sua família com a intenção de conseguir uma vida melhor e acabou sendo abusada sexualmente ainda criança na inocência de conseguir dinheiro.

Conceição continua o conto ressaltando que Duzu acostumou-se, no decorrer de sua vida a ver mulheres apanhando dos homens, mulheres assassinadas, a ser de certa forma “escrava” das cafetinas, a sofrer na mão de muitas pessoas e acabou vendo a morte como uma forma de vida.

Duzu nessas idas e vindas da vida teve nove filhos, espalhados pela grande cidade e com os filhos vieram vários netos, dentre eles os mais queridos. Angélico que sonhava em ser

guarda penitenciário para ajudar na fuga do pai, Tático que não tinha nenhum sonho e a menina sonhadora Querença.

Tático morre cedo, tinha apenas 13 anos quando foi pego pelos inimigos, levava sempre consigo uma arma. Aqui, é visível como o crime chega cedo às crianças dos grandes morros que não possuem uma oportunidade de vida melhor e são obrigados a seguirem caminhos muitas vezes levando-os a morte.

Duzu se desespera ao saber da morte do Neto e decide voltar ao morro, volta em um faz de conta com a certeza que apesar dos males que havia passado em sua vida e que ali ainda continuavam, ela não podia mais sofrer, se auto proibiu do sofrimento, mesmo sabendo que a morte estava perto. Duzu enfeitava sua vida e seu vestido para o carnaval, quando o dia do desfile chega, ela escorrega em seus sonhos e em um misterioso e eterno caminho, Duzu morre.

A menina Querença, sua neta querida, ao saber da passagem da avó desce o morro naquela mistura de saudade e sofrimento e lembra-se de todas as histórias que a avó contara, sabia que era preciso encontrar novos caminhos e faria isso pela avó. A menina Querença era a esperança em meio a todo aquele sofrimento.

Ao deparar-se com a leitura do conto “Duzu-Querença”, é visto que o mesmo aproxima-se da realidade trazida em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”. Conceição dá voz a essas pessoas vítimas de sofrimentos, a violência é vivamente presente em ambos os contos, no caso de Duzu a violência que predominou foi a sexual, sendo Duzu vítima desta.

Infelizmente não trata-se apenas de ficção, como já foi explanado neste artigo, Conceição Evaristo evoca uma ficção-verdade, retratando o real para sua escrita, e faz disso uma crítica social, uma denúncia. Denise Almeida Silva e Andrielli Santos da Rocha (2015, p. 233) afirmam que a autora “[...] retrata as dificuldades a que a classe marginalizada é cotidianamente submetida.” Ou seja, essa classe de negros e pobres tendem a sofrer, por muitas vezes não terem as mesmas oportunidades que os demais.

Silva e Rocha (2015, p. 233) ainda ressaltam sobre o falar de violência de Conceição Evaristo:

[...] antes que uma apologia da violência, esses contos alimentam a esperança na mudança do modo de ver e agir em relação ao menor abandonado e pobre, e o desejo de que crianças pobres, ou pobres e negras [...] tenham os mesmos direitos das demais crianças”

Em suma, as autoras explicitam a verdadeira intenção de Evaristo, que é a de fazer com que leitores e conhecedores de suas obras compreendam a realidade dessas crianças,

mulheres, dessa classe marginalizada em geral, tratando literariamente aspectos do dia-a-dia vividos arduamente pelos afro-brasileiros expostos à violência como herança da escravidão que grassou em nosso país por quase 400 anos.

Neste conto de Duzu-Querença percebe-se a esperança da mudança, de que um dia esse sofrimento, essa violência venha ter um fim, apesar de todas as mazelas que Duzu havia passado durante toda sua vida, naquele impasse entre a vida e a morte, a mesma não aceitou sofrer, tinha uma esperança e essa esperança era Querença, a neta querida, moradora do morro que amava ouvir as histórias da avó. Como Evaristo coloca no conto

Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. [...] (EVARISTO, 2016, P. 37)

Quando Evaristo traz essa escrita percebe-se que Duzu tinha uma esperança de que seria diferente, de que Querença não teria a mesma realidade que ela, tinha a esperança de que a menina sonhadora teria muitas oportunidades na sua vida e que apesar de todo sofrimento que estava passando por conta da morte de seu primo Tático e de sua avó Duzu, ela devia traçar novos caminhos e fazer a diferença.

Considerações Finais

A partir da criação de um contradiscurso à literatura comumente produzida pela cultura hegemônica, os textos de extração afro-brasileira trazem em suas concepções fundamentais uma primazia pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira, enfatizando a importância de tratar literariamente as experiências diversificadas, tanto na sua forma quanto em seu conteúdo.

Assim, esta literatura produzida contemporaneamente traz no bojo de sua concepção pontuações também ideológicas, partindo do pressuposto de que estamos em um momento na produção cultural brasileira que o negro pode falar por si mesmo, sem agenciamentos e sem ser tratado como objeto de curiosidade do olhar de outrem. O negro, portanto, se coloca de forma enfática, trazendo em sua lírica tanto um tom de denúncia quanto uma afirmação de suas vivências tão pouco valorizadas ao longo da história da literatura nacional.

Os contos de Conceição Evaristo trazem no seu cerne a expressão desse novo paradigma que vem despontando desde meados da década de 1980. Escrita engendrada por dentro desse espaço tantas vezes marginalizado, marcando de forma bastante evidente seu lugar de fala, a obra da autora traz como características certos elementos de tensão: a angústia coletiva de vidas expostas à violências diversas, testemunha cotidiana da morte, da opressão de classe, gênero e etnia. Mas é também, nesse coletivo, um sopro de esperança e de renovação. Os contos aqui analisados colocam essas questões em destaque, principalmente pensando o recorte interseccional de classe, gênero e etnia para compreender como essas infâncias periféricas são vividas, sustentadas na precariedade e passíveis, sempre, de um fim antecipado, como é o caso de Zaíta, criança moradora da favela vítima de bala perdida num confronto entre policiais e traficantes. Já no caso de Duzu-Querença sua infância é roubada nos entremeios da exploração do trabalho infantil que mais tarde vai culminar também em violência sexual, esta que acontece de forma mais comum entre mulheres negras de baixa condição social. Desse modo, observa-se que essa literatura negra-brasileira, na condição de um projeto político e social, está se inscrevendo de forma definitiva na literatura nacional e tem em Conceição Evaristo uma de suas representantes mais relevantes, tanto no seu papel de precursora na escrita literária quanto também por atuar como crítica e criadora de conceitos como escrevivência e auto-apresentação.

Referências bibliográficas

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: _____ e FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Vol. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 375-403

EVARISTO, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

_____. **Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

_____. **Olhos d'água / Conceição Evaristo**. – 1.ed.- Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura Negra: sentidos e ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis e _____ (Org.). **Literatura e Afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Vol. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 245-278.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios | **Revista do PPGAV/EBA/UFRJ** | n. 32 | dezembro 2016.

PAIM, Luciana de Lima & UMBACH, Rosani Ketzer. **Duzu-Querença, Salinda e Luamanda**: uma representação da violência contra a mulher em Olhos d'água, de Conceição Evaristo. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br>. Acesso em: 15 de Set. de 2018.

SILVA, Denise Almeida & ROSA, Andrieli Santos da. **A infância roubada em contos de Conceição Evaristo**. 2015. Disponível em: <https://www.revistarascunhos.sites.ufms.br>. Acesso em: 14 de Out. de 2018.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito**: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2013.